

Norbert Elias e o futebol brasileiro: reflexões sobre o passado, passado recente e perspectivando o futuro¹

*Norbert Elias and Brazilian soccer: reflections on recent passado, passado and future prospects*²

Norbert Elias y el fútbol brasileño: reflexiones sobre el pasado, el pasado reciente y perspectivas del futuro

Roberto Ferreira dos Santos, Ph.D. / Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Ph.D.
Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, M.Sc. / Luciana Silva Abdalad, Ph.D.
Recepción: 06/02/15 Aceptación: 23/03/15

Resumen

El objetivo de este estudio fue establecer reflexiones sobre la reciente ola de violencia que ha ocurrido en el fútbol brasileiro, o más específicamente, en el contexto de los fanáticos. Por eso, nos propusimos reflexionar sobre los acontecimientos ocurridos en algunos partidos de fútbol, y sus repercusiones en el ámbito nacional e internacional, como en el caso del partido entre el Atlético Paranaense y el Vasco de Gama en Joinville, en 2013. Es importante mencionar que este episodio provocó una serie de intervenciones por parte del Ministerio Público, asumiéndolo como un conflicto legal entre esos clubes y las autoridades que regulan el fútbol nacional (CBF). El juego fue detenido y se restableció después de varias discusiones -fuera del campo- entre los líderes del CBF. Esta situación afectó a muchas personas. En el documento se analizará estos fenómenos desde las concepciones del sociólogo alemán Norbert Elias.

Palabras claves: fútbol, violencia, fanáticos, deporte y civilización.

Abstract

The aim of this study was to establish reflections on the recent wave of violence that occurred in Brazilian football, or more specifically, in the context of fans. Therefore, we set out to reflect on the events of a few games of football and its impact on the national and international media as the match between Atletico Paranaense and Vasco da Gama, in Joinville, in 2013. This event determined to Vasco relegation to the second division of Brazilian football. It is important to mention that the episode caused a series of interventions by the prosecutor, and the legal conflict between

these clubs and the entity that controls the national football, the Brazilian Football Confederation (CBF). The game was stopped and restarted after many discussions - extra field - involving the leaders of the CBF. This fact contradicted many people who have not found more atmosphere to the game. At this point, among other concepts of Elias (1992), we can say that the aspect “liberating excitement,” strongly highlighted by the German sociologist, that sports can provide, was completely unaffected, since the leaders had no sensitivity to the events, as well as the general climate that led to this barbarism.

Keywords: football, violence, organized supporters, civilization and sports.

Resumo

O objetivo deste estudo foi estabelecer reflexões sobre a recente onda de violências que ocorreram no futebol brasileiro, ou mais especificamente, no contexto das torcidas. Por isso, nos propusemos a refletir sobre os acontecimentos entre alguns jogos de futebol e suas repercussões na mídia nacional e internacional como a partida entre Atlético Paranaense e Vasco da Gama, em Joinville, em 2013, que determinou o rebaixamento do último para a segunda divisão do futebol brasileiro. É importante mencionar que o episódio provocou uma série de intervenções do Ministério Público, bem como o conflito legal entre esses clubes e a entidade que comanda o futebol nacional, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O jogo foi interrompido e reiniciado depois de muitas discussões – extra campo – envolvendo os dirigentes da CBF. Esse fato contrariou muitas pessoas que não encontraram mais atmosfera para o jogo. Nesse ponto, entre outros conceitos de Elias (1992), podemos dizer que o aspecto “excitação libertadora”, fortemente destacada pelo sociólogo alemão, que o esporte pode forne-

1 Cita sugerida: Ferreira, R., Figueiredo, C.A.; Andrade Ferrari, C.E. & Silva Abdalad, L.(2015). Norbert Elias e o futebol brasileiro: reflexões sobre o passado, passado recente e perspectivando o future. *Ímpetus*, vol. 9 (1), pp. xx-xx.



cer, foi completamente afetado, uma vez que os líderes não tiveram sensibilidade para os acontecimentos, bem como o clima geral que levou a essa barbárie.

Palavras Chave: futebol, violência, torcido organizado, esporte e civilização.

Reflexões iniciais: um pouco do passado

O objetivo deste estudo foi estabelecer reflexões sobre a recente onda de violências que ocorreram no futebol brasileiro, ou mais especificamente, no contexto das torcidas. Por isso, nos propusemos a refletir sobre os acontecimentos do jogo Atlético Paranaense e Vasco da Gama, que determinou o rebaixamento do último, para a segunda divisão do futebol brasileiro. É importante mencionar que o episódio provocou uma série de intervenções do Ministério Público, bem como o conflito legal entre esses clubes e a entidade que comanda o futebol nacional, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Para elaborar essas reflexões pretendemos debruçar o olhar sobre o passado recente, discutindo casos emblemáticos e refletindo sobre o futuro.

Santos (1990) ao discutir a questão da violência das torcidas no futebol brasileiro, já na década de 1990 argumentava que, apesar de em termos de percentual essa forma de violência não ser a mais preocupante, a mesma começava a aparecer com sinais alarmantes. A pesquisa do autor enfocou a caracterização das várias formas de violências que se destacavam no futebol brasileiro, tendo a agressão física como a que apresentou maior percentual de ocorrência, 50,19 % de média em dois jornais e o vandalismo com o menor percentual, 6,42 %. Apesar de apresentar um percentual baixo, se comparado com a categoria agressão física, os acontecimentos em si já apontavam para brigas de torcidas assim como conflitos de torcedores com jogadores nos campos de treino.

O autor referencia a manchete do *Jornal do Brasil*, onde se destaca o título: “Atletas do Flu deixam o campo para brigar nas arquibancadas” (Atletas do flu..., 1989, p. 31, 1º caderno). No corpo da notícia a descrição dos acontecimentos retrata que vários jogadores do time se revoltaram e subiram as arquibancadas para, possivelmente, entrar em confronto com torcedores que os ofendiam e debochavam de seus desempenhos em outras partidas. Por interferência do supervisor do clube, José Dias, não houve conflito, apenas empurrões de ambas as partes, mas poderia ter ocorrido uma carnificina, segundo o jornal. Além disso, no desenvolvimento da pesquisa o autor já mencionava

conflitos envolvendo várias torcidas que pichavam muros ou mesmo provocavam prejuízos, praticando delitos, nas instalações dos clubes (Santos, 1990).

Entretanto, Hollanda (2009), baseado em Ribeiro (2007) argumenta que as questões de violências nas torcidas no Rio de Janeiro remontam à década de 1910. Os relatos são contundentes e apontam para uma realidade que já se mostrava preocupante.

Se fora dos gramados a luta pelo poder incendiava a política, dentro dos estádios a imprensa esportiva começava a se assustar com o clima de guerra em alguns jogos disputados no Rio e em São Paulo. Notícias de brigas entre jogadores e também entre torcedores nas arquibancadas tornaram-se frequentes, principalmente com o fato de o público muitas vezes superar a marca de 10 mil pessoas. Até mesmo o policiamento nos estádios, por causa dos constantes distúrbios, passou a ser obrigatório. Nos jornais cariocas, notícias sobre esfaqueamento, tiros e outras confusões ocorridas durante os jogos tornaram-se comuns. A paixão desenfreada dos torcedores garantia a venda dos principais jornais do Rio e de São Paulo; tanto é verdade, que quase todos mantinham seção esportiva diária (Ribeiro, 2007 apud Hollanda, 2009, p. 373).

Com passar dos tempos casos emblemáticos aconteceram envolvendo torcidas de vários clubes brasileiros, chegando ao ponto inclusive da ocorrência de mortes. Publicação da Revista *Vêja de São Paulo* do dia 19 de setembro de 2009 com o título de ‘Violência nos estádios’ retrata a dimensão dos acontecimentos. Além do título, um pequeno resumo da notícia – nos moldes jornalísticos – aprofunda o relato dos fatos.

A morte de um corintiano e o ônibus de vascaínos queimado mostram como os bandos que formam as torcidas organizadas de São Paulo levam o terror a estádios e ruas em dias de jogos. Somente punições severas e o monitoramento constante desses criminosos podem evitar que situações assim se tornem uma rotina e afastem de vez dos campos os paulistanos que gostam de futebol (A morte de..., 2009, p. 1 - capa).

Ao analisarmos a notícia “violência nos estádios, 2009” com mais rigor verificamos que, na sequência da mesma, vários outros casos de ocorrências de violências são retratados. No texto, o jornalista nos aponta que em Agosto 1995 “a decisão da Supercopa de Juniores, no Pacaembu, transformou-se em uma batalha campal” (grifo nosso). Em

Julho 2005 é apontado que: “na noite em que se sagrou tricampeão da Taça Libertadores da América, o São Paulo teve sua conquista manchada. Em vez de comemorarem, torcedores foram à Avenida Paulista depredar estações de metrô, lojas e bancas de revista” (grifo nosso).

Já em Maio 2006: “ao verem o River Plate fazer 3 a 1 sobre o Corinthians no Pacaembu, torcedores alvinegros tentaram derrubar o alambrado que separa a torcida do campo e invadir o gramado”. E em Abril 2008: “Irritados com as filas e a insuficiência de ingressos para a partida final do Campeonato Paulista, entre Palmeiras e Ponte Preta, torcedores alviverdes entraram em confronto com a PM” (Violência nos estádios..., 2009, p. 1 - capa).

Esses foram alguns exemplos daquilo que podemos chamar de uma escalada, ou caminhada de violências no futebol brasileiro que chega aos dias atuais.

Reflexões intermediárias: um pouco do presente

Nesta parte pretendemos levantar alguns casos de violências das torcidas apresentados pela mídia no Brasil que se tornaram emblemáticos, mais recentemente, pelos desdobramentos dos acontecimentos, assim como elaborar reflexões sobre os mesmos.

O caso Palmeiras: agressões e vandalismo

O Palmeiras foi um dos clubes do futebol brasileiro que esteve envolvido em acontecimentos que registraram várias formas de violências das torcidas, foram elas dirigidas diretamente ao clube como instituição, ou mesmo contra seus jogadores. O *Jornal Zero Hora* de Porto Alegre apresenta um histórico de acontecimentos desde 2008. Vejamos alguns desses episódios, relatados na notícia como organizamos a seguir: “Novembro 2008: no aeroporto de Congonhas, um torcedor atacou o técnico Vanderlei Luxemburgo que quebrou o braço direito”. “Dezembro 2009: três torcedores agredem o jogador Wagner Love em um banco”. “Maio 2011: após a goleda de 6x0 contra o Coritiba, um grupo de torcedores jogou três coquetéis molotov no CT do clube”. “Outubro 2011: o volante João Vitor foi agredido por 15 torcedores na loja oficial do clube”. “Novembro 2012: após derrota para o Fluminense, que deixou o time perto do rebaixamento no brasileiro, torcedores atearam fogo à loja do clube”. “Janeiro 2013: torcedor agrediu Fabiano Capixaba após treino” (Histórico de violência..., 2013, p. 57, grifo do autor).

Ao analisarmos a notícia na qual esse histórico é apresentado verificamos que houve também um conflito no a-

roporto de Jorge Newbery em Buenos Aires, após a derrota do Palmeiras para o Tigre, pela disputa da Libertadores da América. Nesse conflito o jogador Fernando Prass foi agredido por torcedores. No desenvolvimento da notícia verificamos também que outro jogador, Valdívia, seria o alvo inicial das atitudes agressivas. Na confusão o jogador Fernando Prass foi atingido involuntariamente por estilhaços de copos que foram arremecados à Valdívia.

Esses indivíduos envolvidos em conflitos físicos que geram discussões éticas no universo do futebol parecem em situações esportivas romper com o autocotrole de seus comportamentos desafiando regrase condutas sociais. Elias (1990), ao lançar um olhar sobre os processos civilizadores da humanidade, comenta que o autocontrole corporal se constitui em uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica, pois a partir de planos, ações e impulsos emocionais ou racionais de pessoas isoladas, que se entrelaçam de modo amistoso ou hostil, a sociedade tornou-se cada vez mais “civilizada”. O controle efetuado através de terceiros é convertido em autocontrole; as atividades mais animaléscas são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha. Assim, “a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada” (p.193).

Ao tentarmos refletir sobre o acontecimento de uma forma mais ampla, analisando essa notícia e mais outras, verificamos que os jogadores e dirigentes ficaram revoltados com as atitudes dos torcedores, inclusive com a promessa do presidente do clube de enviar à Polícia Federal os nomes dos agressores. Entretanto, também verificamos que a relação dos dirigentes com essa torcida é no mínimo confusa, porque no desenrolar dos acontecimentos o próprio presidente ameaça não fornecer mais ingressos aos torcedores até que os agressores fossem apresentados.

O caso do Corinthians: a morte de um torcedor fora do país

O acontecimento envolvendo os torcedores do Corinthians, no jogo realizado pela Copa Libertadores da América, na Bolívia em 2013 foi provavelmente um dos que mais destaque teve da mídia brasileira assim como na internacional. Estamos falando da morte do adolescente Kevin Beltran Espada, torcedor do San José de Oruro da Bolívia, morto por ter sido atingido por um sinalizador marítimo lançado por um torcedor da torcida do Corinthians.



Esse fato foi destaque em todos os jornais do Brasil da mesma forma como foi manchete nos principais programas esportivos de todas as emissoras de TV por vários dias. Evidentemente o conflito em si causou muita discussão, principalmente porque a justiça Boliviana prendeu 12 torcedores brasileiros.

Algumas questões merecem destaque nesse momento de reflexão. A primeira delas é que essa forma de morte, apesar de não ter sido ocasionada por brigas entre torcidas, aponta para o fato que a mesma poderia ter sido evitada se houvesse controle da entrada dos torcedores no estádio, assim como responsabilidade dos mesmos em não praticar um ato impensado, ou seja, na hora de lançarem o sinalizador não se preocuparam das consequências. De um modo geral é notório que a proibição da entrada de sinalizadores em jogos acontece porque os mesmos podem provocar lesões, além disso, podem ser usados em conflitos entre torcidas.

Esse fato gerou muita repercussão porque entre outras coisas discute-se quem seriam os responsáveis pelo ocorrido: os próprios torcedores, a organização que foi negligente no controle da entrada no estádio ou o clube ao qual pertencem os torcedores?

Analisando a notícia do *Jornal Folha de São Paulo* do dia 22 de fevereiro de 2013, “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade” verificamos que algumas questões são levantadas desvelando várias dimensões (Clube teme perder..., 2013, p. D1, grifo nosso).

A primeira delas é que, segundo o regulamento da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) o responsável passível de punição por atos de torcedores, seja o clube a quem esses torcedores pertencem. No caso o Corinthians deveria ser responsabilizado e punido pelos atos dos torcedores. A punição neste caso pode variar de multa, exclusão do torneio, perda de pontos, perda de mando de campo e a realização de jogos com os portões fechados.

A partir desse episódio alguns questionamentos foram levantados. Um deles refere-se ao fato do clube ser punido por um comportamento sobre o qual não tem controle: o comportamento dos torcedores. Provavelmente, a lógica dessa punição ao clube está no fato de que alguém tem que ser punido, caso contrário cairíamos numa total desordem. Por outro lado, também é notório o incentivo que muitos clubes, na pessoa dos seus dirigentes incentivam viagens de torcidas organizadas quando necessitam de apoio nos jogos. Portanto, nada mais ‘lógico’ que sejam punidos por com-

portamentos dos ‘parceiros’ irresponsáveis. É importante lembrar que nas grandes catástrofes ocorridas na Europa na década de 1970 os clubes ingleses – e por extensão seus torcedores responsáveis pelos conflitos e mortes – foram banidos das competições européias por seis anos.

É importante mencionar que no intervalo do jogo os torcedores locais, revoltados com a morte do adolescente atiraram objetos nos jogadores do Corinthians e os chamaram de assassinos criando um clima desagradável a partida. No decorrer das investigações verificou-se que “entre os 12 torcedores do Corinthians presos na Bolívia sob suspeita de envolvimento na morte do torcedor boliviano, há filiados de pelo menos duas torcidas organizadas do clube: a Gaviões da Fiel e a Pavilhão Nove” (Entre os 12..., 2013, p. D3, grifo nosso).

Duas falas ressaltam a complexidade dos acontecimentos. O jogador Fábio Santos, do Corinthians afirmou “se for necessário que o Corinthians seja expulso da Libertadores para que acabem com as mortes, sou a favor” demonstrando quem mesmo que o clube e os jogadores tivessem que pagar um ‘preço’ alto pelo acontecimento, ele concordaria (Se for necessário..., 2013, p. D1, grifo nosso). Por outro lado, o gerente do clube Edu Gaspar emitiu a seguinte frase: “não acredito que sejamos punidos porque acreditamos que tenha sido acidente, fatalidade. Tem muita coisa envolvida” (Não acredito que..., 2013, p. D1, grifo nosso).

O caso do jogo Atlético Paranaense e Vasco da Gama: cenário de guerra

O cenário de guerra que nos referimos faz parte de uma das manchetes do Jornal português *Record*. O caso do jogo Atlético Paranaense e Vasco da Gama, que foi realizado Joinville em dezembro de 2013 rendeu manchetes “pelos quatro cantos do planeta”, chamadas essas que descontextualizadas refletem mais a um cenário de guerra do que ao meio futebolístico. Essa afirmação ganha vida no momento em que fichamos os principais tablóides desportivos ao redor do mundo e suas respectivas manchetes a respeito do jogo. Nesse sentido, o *Jornal Manua* refere-se ao fato como barbárie; o *Jornal A Bola* deu a entender que as duas torcidas se enfrentaram em uma espécie de batalha; O Jornal catalão *Sport* chamou o caso de vergonhoso. Continuando em nosso levantamento, verificamos que na França, o *L'Équipe* citou o fato como violência sem precedentes e, por fim, o Jornal inglês *Mirror* “chegou a questionar se o ocorrido iria levantar questões sobre a segurança para a Copa do Mundo de 2014” (Chegou a questionar..., 2013, p. 1 - capa, grifo nosso).

Sob esse prisma, uma pergunta merece audiência na atualidade: porque tamanha violência? De acordo com Elias (1992)

[...] a falta de pão, que foi mais ou menos remediada, é agora seguida pela ausência de sentido. A partir das áreas cinzentas de marginais que se formam à volta da maior parte das grandes cidades mais desenvolvidas, as pessoas, em especial os jovens, olham através das janelas para o mundo estabelecido. Podem ver que é possível uma vida com mais sentido e mais realizada do que a sua própria vida. [...] Por esse motivo, a vingança é, com frequência, o seu grito de guerra. Um dia a gota de água transborda e eles procuram vingar-se sobre alguém (p. 93).

O grande problema do Brasil é que o ‘recipiente’ que armazena essa água já transbordou faz tempo. O que de fato queremos pontuar por meio de tal analogia é que em solo brasileiro esses episódios de atitudes violentas tornaram-se corriqueiros e, sobremaneira, encontraria na negligência de nossas autoridades solo fértil para voltarem a aflorar.

Parece importante comentar que no ano de 2013 o Brasil vivenciou inúmeros protestos sociais também conhecidos como as “Manifestações dos 20 centavos” o “Manifestações de Junho” iniciadas para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público nas principais capitais e intensificadas no decorrer do mês de junho englobando diferentes questões e grupos sociais em um clima de insatisfação generalizada. Por volta do dia 20 de junho, os protestos começam a ter temas menos focados na questão do transporte e surgem pautas incluindo os gastos com a Copa das Confederações FIFA de 2013 e com a Copa do Mundo FIFA de 2014. No dia 20 de junho, houve um pico de mais de 1,4 milhões de pessoas nas ruas em mais de 120 cidades pelo Brasil.

Retornando ao fato esportivo não é de se estranhar que “o próprio Ministério Público, que fez a denúncia, pediu a liberação dos torcedores” (O próprio ministério..., 2014, p. 1 - capa, grifo nosso). Outro fato que chama a atenção surge no momento em que: “a juíza Luciana Lampert Malgarin afirmou que “a soltura dos acusados não colocará em risco a coletividade, a instrução criminal e a aplicação da lei penal”” (A juíza Luciana..., 2014, p. 1 - capa, grifo nosso). A nosso ver, a soltura dos acusados viria expor a coletividade ao risco pela segunda vez, pois a mesma já tinha sido posicionada ao risco no dia do jogo.

Essas afirmações tornam-se ainda mais representativas quando verificamos que o fenômeno estudado encontra-

se em meio a um ciclo vicioso de atitudes violentas. A continuidade dessas ações apareceria diante de falas como essa: “torcedores do Palmeiras prometem ‘vingar’ o Vasco contra o Atlético-PR. Em página na internet, integrantes da maior torcida organizada do Verdão dizem que irão enfrentar atleticanos no próximo duelo no Pacaembu” (Torcedores do Palmeiras..., 2013, p. 1 - capa, grifo nosso). Para Silva e Votre (2006) esses acontecimentos se manifestam “na comunidade quando temos a confluência de vários fatores entre eles o econômico, o social, o racial, colocando pessoas, países, grupos, em disputa e conflito” (p. 70).

Diante de tais posicionamentos, perguntamos: até que ponto o viés micro desvendaria o contexto macro e vice-versa? A selvageria das torcidas – ‘organizadas’ – poderia vir a explicar a violência urbana brasileira? Enfim, o Brasil poderia ser descortinado por meio do futebol e suas dimensões? Acreditamos que sim, porém, Norbert Elias justifica o desporto como um elemento que promoveria a “excitação libertadora”, pois para o sociólogo alemão o esporte torna-se fundamental para nós humanos no instante em que possibilita a ‘excitação regrada’, a ‘excitação não bárbara’.

Esses pontos nos levaram a abrir um parêntese e, em consequência, vir a refletir de forma mais objetiva o fenômeno estudado. Para isso, nos aproximamos de dados, números e informes na tentativa de estabelecer uma relação entre os episódios violentos, ou mais especificamente, no intuito de averiguar se de fato esses fenômenos seriam retroalimentados por acontecimentos externos, extracampo. Vejamos alguns desses dados, números e informes: “Trinta e três por cento da população brasileira, 55 milhões de pessoas, vivem abaixo da chamada “linha da pobreza” (Murad, 2007, p. 23); “Em 2001, o país perdeu cerca de R\$ 65 bilhões, mais de 5% do PIB, em consequência da corrupção” (Murad, 2007, p. 24); “O Brasil apresenta uma taxa elevada de homicídios com arma de fogo (19,5 por 100.000 pessoas em 2002) em comparação a países de alta renda, como o Canadá, a França e os Estados Unidos [...]” (Reichenheim *et al.*, 2011, p. 77).

Podemos arriscar a consideração de que o cenário do futebol no Brasil pode estar refletindo as consequências de uma sociedade que parece perpetuar índices altos de violência e insatisfação popular. Não devemos esquecer que Elias sempre se preocupou em estudar a sociedade com fragmentações e, portanto as manifestações de violências no ambiente do futebol podem estar buscando exemplos ruins em outras áreas de nossa sociedade. Nesse sentido, poderia estar ocorrendo uma



deterioração das relações de afeto, alegria, prazer, festa, entre outras, que deveriam permear as celebrações nos nossos estádios de futebol.

Reflexões finais: ¿E agora? ¿Como ficamos para o futuro?

Parafraseando Elias e Dunning (1992) chegamos à conclusão que o desporto, e de sobremaneira, o futebol ecotaria no imaginário social como uma espécie *sui generis* de “excitação libertadora”, definida pelos autores como aquela excitação que no faz ir a um estádio e tomar parte em um evento esportivo com a sensação ‘excitação e alegria’ de uma forma simultânea. Não com medo e apreensão e mesmo temor exagerado. O sociólogo alemão no papel de “advogado do diabo” de suas próprias considerações nos leva a aludir que um dos problemas da sociedade civil estaria na equidade prazer-restrição. Essa sensação de iniquidade explicitada pelos autores encontraria no Brasil um solo fértil, quer dizer, a inadimplência do Estado com a sociedade civil potencializaria atitudes de violências. Essas alusões particulares ganham destaque no instante em que empregamos em nossas indagações o conceito de “teias de interdependência”, empregado por Norbert Elias quando o assunto refere-se os desmandos do Estado em relação à sociedade civil e suas interfaces.

Entretanto, Elias (1999) nos apresenta e emprega em “Introdução à Sociologia” – uma de suas obras mais relevantes, a máxima de que não existem “estruturas extra-humanas”, em outras palavras o que queremos apresentar é que as estruturas sociais são constituídas por humanos, todavia, em alguns países, em especial o Brasil, os humanos tornam-se ‘inumanos’ no instante em que não se comovem com as desigualdades, as vulnerabilidades, enfim, com os menos favorecidos. Sob esse prisma, uma das falas que refletem esse fenômeno e, sobretudo, retrataria à culpabilização da sociedade civil em detrimento ao Estado aparece em uma entrevista do presidente do Tribunal Superior Eleitoral e ministro do STF Marco Aurélio Mello. Segundo o Ministro: “[...] a sociedade não é vítima, é culpada. Reclama do governo e se esquece de que quem colocou os políticos lá foi ela própria” (Mello, 2014, p. 16).

Parece relevante apontar que um dos símbolos apresentados nas manifestações populares no Brasil em 2013 foi a máscara do personagem principal do filme V de Vingança (no original, V for Vendetta) 2005, dirigido por James McTeigue e produzido por Joel Silver e pelos irmãos

Wachowski, que também escreveram o roteiro. O filme é sobre a luta entre a liberdade e a opressão do Estado e foi visto por muitos grupos políticos como uma alegoria da opressão do governo.

Somos então levados a recorrer a principal tese de Norbert Elias, ou mais precisamente, ao livro “O Processo Civilizador” no intuito de provocar duas interrogações que acreditamos ser relevantes para o estudo. Nas palavras de Elias (2011) a sociedade contemporânea tem como característica principal a perspicácia de resolver conflitos através do diálogo, não obstante, quanto menor for essa capacidade, maior será a ocorrência de situações de violências. Surge daí, uma indagação a respeito da fala de Mello (2014): poderia uma sociedade ser ‘punida’ por más escolhas no instante em que a mesma encontra-se enquadrada na octogésima oitava posição no *ranking* de Educação feito pela UNESCO (Pinho, 2011).

Continuando mais ainda no pensamento das concepções teóricas de Elias, não podemos deixar e mencionar sobre aquilo que o Elias (1992) citado por Eric Dunning denominou “triade dos controles básicos” (p. 30), pois é com foco nessa triade que iremos aprofundar nossas reflexões. Esse conceito refere-se à

1) das hipóteses de controle das relações de acontecimentos extra-humanos, isto é, sobre aquilo a que nos referimos, por vezes, de um modo vago, como <<acontecimentos naturais>>; 2) das hipóteses de controle das relações inter-humanas, isto é, sobre aquilo a que nos referimos habitualmente como <<relações sociais>>; 3) do que cada membro individual aprendeu, desde a infância, no sentido de exercer o autocontrole (p. 31).

No que diz respeito ao autocontrole dos membros de cada torcida podemos afirmar que, no Brasil a situação tem qualitativamente piorado. Não conseguimos perceber sinais de que as pessoas na dimensão micro, ou seja, no momento de exercerem autocontrole tenham tido comportamentos nesse sentido. Em nossa opinião, pelo contrário todos os acontecimentos descritos anteriormente apontam que aparentemente esteja ocorrendo certa ‘glamourização’ de comportamentos violentos. É importante demarcarmos aqui que estamos nos referindo aos comportamentos de uma minoria, esteja ela inserida em torcidas organizadas ou não.

Sobre essa questão, apesar de não quisermos descontextualizar de todas as outras questões da sociedade brasileira mencionadas anteriormente, ou seja, não discutimos a questão da violência de uma forma fracionada, é importante que a discutamos pela perspectiva da atração

que a violência exerce sobre algumas pessoas, inclusive se consideramos que estas correm riscos na prática das atividades violentas.

Bill Buford (1991) jornalista americano que acompanhou os *Hooligans* na Europa destaca muito bem essa situação. A descrição do autor é uma narrativa de todo o processo que envolve a participação das torcidas nos eventos de confronto. O autor destaca que os torcedores se sentiam emocionalmente embriagados, não por bebida, mas por uma sensação pouco compreensível para a maioria das pessoas. O autor nos relata que:

Abstenho-me de descrever a violência, pois o que pretendo retratar é esse momento preciso em toda sua sensual intensidade - antes que a cronologia permita que o momento evolua até suas consequências. O que ocorre? O que acontece quando a multidão transpõe a fronteira - ou salta o penhasco: as metáforas, embora surradas são reveladoras. É dessa forma que eles se referem à coisa. Eles falam do estrondo, do zunido, e do apuro por que passam. Falam da necessidade de viver aquilo, de não poder esquecê-lo quando o vivem, de não querer esquecê-lo - jamais. Falam sobre encontrar sustento naquilo, contando e recontando o que aconteceu e como se sentiram. Falam a respeito com o orgulho dos privilegiados, daqueles que passaram por, viram e sentiram algo a que os outros não tiveram acesso. Falam disso da mesma forma como outra geração falava de drogas e bebida ou ambas, com a diferença que eles também se utilizam de drogas e bebida. Um rapaz, dono de um bar, fala a respeito como que se tratando de algo químico, ou um jato hormonal ou alguma espécie de gás contagiante - uma vez presente no ar, uma vez cometido um ato de violência, outros se seguirão inevitavelmente, necessariamente (p.187).

Consideramos esse depoimento importante porque o mesmo apresenta uma visão de violência complexa de ser interpretada. Se quiséssemos colocar o rótulo de comportamento patológico dessas pessoas teríamos que ter elaborado uma análise 'médica' de seus comportamentos, análise essa que não nos é permitida nem devemos realizá-la. Portanto, só podemos ficar com a perspectiva do fenômeno na dimensão do social. Quando observamos as palavras acima utilizadas pelo autor e as comparamos com imagens que estamos acostumados a assistir desses momentos, podemos nos arriscar a dizer existe uma admiração por atos violentos. O comportamento gestual dos enfrentamentos e as expressões de mobilização emocional dos envolvidos nos levam a elaborar essa reflexão. Um fato recente

que envolve esta comoção generalizada de um grupo, no caso da torcida em um estádio de futebol, apresentando um ato de violência verbal para representar uma insatisfação política pode ser ilustrada com o xingamento à presidente Dilma Rousseff na abertura da Copa do Mundo de 2014, em São Paulo.

Acreditamos que nossas reflexões ganham força no momento que autores como Lupton e Tulloch (2002) estudam o risco como um ato totalmente consciente e provocado por aqueles que se engajam nesses atos. À respeito desta emoção os autores apresentam a noção de risco voluntário e seus prazeres. Neste artigo, os autores comentam uma pesquisa realizada na Austrália, na qual setenta e quatro pessoas que foram entrevistadas entre os anos de 1997 e 1998. Os pesquisadores buscaram entender seus envolvimento no risco voluntário e traçaram como objetivo identificar os significados que os informantes atribuíram ao conceito de risco, as maneiras como o risco os havia afetado e como os informantes manifestavam essas ideias com estratégias discursivas. Os entrevistados não necessariamente estavam envolvidos com o risco corporal físico, pois risco também estava envolvido na dimensão de arriscar comportamentos e atitudes diferentes, como por exemplo, o caso da informante que era diretora teatral. A pesquisa procurou retratar temas chaves, narrativas, definições, discursos, histórias sociais e pessoais, artifícios retóricos e expressivos que surgiram das entrevistas transcritas.

Lupton e Tulloch (2002) apresentam os resultados comentando que três discursos dominantes foram identificados e discutidos nas avaliações dos informantes: o discurso do aperfeiçoamento, o do envolvimento emocional e o do controle.

O discurso do aperfeiçoamento é identificado por meio da metáfora do espaço. Nesse sentido, o risco assumido fica fora dos limites já existentes, ou seja, para se aperfeiçoar você tem que correr riscos fora dos limites que já conquistou. No caso do engajamento emocional os autores citam os praticantes de pequenos vandalismos em escolas na Austrália que afirmam que sentem alegria, sensação de aventura quando praticam esses atos. Da mesma forma que os *Hooligans* esses atores falam da sensação parecida com a de experimentar uma droga. Além disso, falam da sensação de confronto com os limites sociais e a necessidade de confrontá-los. Em outras palavras, estão confrontando padrões sociais de comportamento e estão provocando lesões e até mesmo mortes, no mínimo por pura irresponsabilidade com as consequências desses atos.

O discurso do envolvimento emocional está relacionado às questões do medo, do nervosismo e do desconforto. Nessa dimensão, correr riscos emocionalmente envolve procurar situações de grande intensidade emocional que causem prazer numa vida que, normalmente, não nos excita. Os informantes atribuem ao risco o sentido de estímulo da adrenalina, sendo este percebido como aventura, desafio e excitação, ou seja, quanto maior o risco maior a excitação. Fica claro que a vívida consciência do risco é parte importante do prazer em participar dessas atividades. Assumir riscos também é uma forma de liberação de sensações de arrebatamento. Resumindo a questão do envolvimento emocional, os autores descrevem que ela está codificada como algo que provoca adrenalina e relaciona os envolvidos com escapes da racionalidade e controle do corpo, para permitir ao corpo viver sensações mais fortes. Existe um sentimento de viver alegremente, de estar mais perto da natureza do que da cultura e de quebrar as regras que a sociedade nos impõe. (Lupton & Tulloch, 2002).

O discurso do controle está relacionado ao fato de que, muito poucas vezes perdemos totalmente o desejo de controlar nossos corpos, ou seja, podemos, segundo os autores, vivenciar este controle do risco de forma voluntária ou involuntária (Lupton & Tulloch, 2002).

O primeiro exemplo que os pesquisadores apontam é de um velejador que retrata a consciência dos riscos quando sai para velejar. Por exemplo, ele poderá sair para velejar contando com bom tempo, e, de repente o tempo muda e ele terá que lidar com acontecimentos não previstos inicialmente. Nesse momento ele terá que lidar com ocorrências não planejadas, mas manter o controle da situação. O inesperado se apresenta neste caso. É uma forma de controle relacionada ao autocontrole individual (Lupton & Tulloch, 2002).

O exemplo de risco involuntário, apresentado pelos pesquisadores, está relacionado a um trabalhador que, por trabalhar numa produção teatral, às vezes precisa subir em escadas altas e confessa sentir medo e prazer por esta situação.

Será que numa briga de torcedores, estejam eles voluntariamente ou involuntariamente envolvidos, eles consideram o fato que poderão ‘perder o control do conflito’ e essa perda poderá ocasionar até mortes? É importante mencionar que em situações de conflitos, não existe um controle total para onde esse conflito pode caminhar e quem serão as pessoas que sofrerão consequências. Em alguns conflitos mencionados ao longo desse trabalho, as imagens das TVs mostraram pais e filhos pequenos que não queriam estar envolvidos e sofreram pelos desdobramentos desse conflito.

Considerando que o estado tem a responsabilidade de julgar essas pessoas por comportamentos violentos, julgamos que não pode haver por parte do Estado, certo amolecimento das penas a serem aplicadas aos mesmos, principalmente quando colocam em risco outras pessoas que não optaram por vivenciá-lo de forma tão contundente. Vamos lembrar que no Brasil ultimamente casos de mortes têm sido frequentes. Será que é assim que essas pessoas estão sendo tratadas? Será que conforme as leis que regem a justiça desportiva essas pessoas estão sendo punidas justamente? Quando o fenômeno futebol na sua totalidade incluindo todos os espaços – que vão muito mais além de somente as quatro linhas dentro de um campo – será considerado importante para tomada de decisões que evitem mortes e a disseminação de uma violência generalizada?

As concepções teóricas de Elias ao discutir o futebol e o esporte sempre tiveram a intenção de analisá-lo numa perspectiva global. Nesse sentido, devemos pensar as manifestações de violências nas sociedades conforme a tríade mencionada anteriormente. Como vamos exigir de um torcedor que o mesmo interiorize um comportamento de controle se os exemplos que estão sendo dados não são os melhores? Alguém poderia contrargumentar que nem todos os torcedores optam por esse tipo de comportamento, e, teríamos que concordar. Mas também podemos prosseguir nas discussões afirmando que o papel do Estado é apresentar exemplos fortes de inibição de comportamentos violentos, e nesse sentido o Estado não tem cumprido seu papel. Se olharmos os exemplos de alguns dirigentes no que diz respeito a crimes do ‘colarinho branco’ estes são os piores que podemos relatar.

O maior dirigente do futebol brasileiro até 2012, Ricardo Teixeira, literalmente fugiu do país e hoje vive em Miami por conta de suspeitas fortíssimas de receber subornos de empresas ligadas ao futebol brasileiro e mais especificamente à Confederação Brasileira de Futebol, quando o mesmo exercia a presidência da instituição. Junto com seu ex-sogro, João Havelange, presidente de Honra da FIFA fez acordo nos tribunais de Zurique para a devolução de alguns milhões de dólares, para que não fossem penalizados severamente. Voltando mais uma vez para as concepções de Elias, as nossas relações sociais não vão bem.

O exemplo dos dois dirigentes é mencionado porque, de um modo geral temos a tendência a nos preocupar com os crimes, violências físicas, e discutimos teorias para explicá-los, e, nos esquecemos que os crimes do ‘colarinho

branco' são cometidos por pessoas que, teoricamente não deveriam ter motivos para cometê-los, mas, no entanto os praticam.

Em nossa opinião, o futebol hoje é um esporte que vem sendo contaminado por vários comportamentos que só servem para denegrir sua imagem e levantar questões que ao nosso olhar precisam ser discutidas, questionadas e amplamente divulgadas para que haja um debate sério em relação às questões éticas e morais. Um último exemplo, que provocou muita polêmica, pode ser ilustrado no caso da mordida do jogador Luis Suárez, do Uruguai que acabou por ser punido e banido da Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

Infelizmente, sejam nos espaços fora das quatro linhas, dentro das quatro linhas ou nos bastidores do esporte, muitos fatos estão contribuindo para que tenhamos uma sensação de incomodo e de desconforto. Talvez tenhamos que encontrar um equilíbrio entre a muita paixão que envolve o esporte e uma demanda de controle de atitudes mais profissionais, que pudessem buscar alguma justiça nesse ambiente, no mínimo polêmico. Apesar de tudo só nos resta a mágica dos grandes jogadores que, insistem, com seus corpos em perpetuar a imponderabilidade da dinâmica de um jogo que atrai e mobiliza as emoções. Mas, até quando?...

Referências

- A juíza Luciana [editorial]. (2014, 20 de janeiro). *Folha de São Paulo*, p. 1 - capa. Retirado 28 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/esp/orte/2014/01/1400477-justica-libera-17-torcedores-presos-por-briga-no-atletico-pr-x-vasco.shtml>>.
- A morte de [editorial]. (2009, 19 de setembro). *Veja São Paulo*, p. 1 - capa. Retirado 23 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://vejasp.abril.com.br/materia/violencia-nos-estadios>>.
- Atletas do flu. [editorial]. (1989, 16 de março). *Jornal do Brasil*, primeiro caderno.
- Buford, B. (1991). *Entre os vândalos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chegou a questionar [editorial]. (2013, 08 de dezembro). *globoesporte.com*, p.1- capa. Retirado 27 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileiro-serie-a/noticia/2013/12/briga-entre-torcedores-de-atletico-pr-e-vasco-ganha-repercussao-no-mundo.html>>.
- Clube teme perder. [editorial]. (2013, 8 de dezembro). *Folha de São Paulo*, p. D1. Retirado de 24 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/95070-fabio-santos-afirma-ser-a-favor-de-expulsao-se-violencia-acabar.shtml>>.
- Elias, N., Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*, Lisboa: Difel.
- Elias, N. (1999). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (1990). *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. v. 2., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (2011). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. v. 1- Rio de Janeiro: Zahar.
- Entre os 12 [editorial]. (2013, 8 de dezembro). *Folha de São Paulo*, p. D3. Retirado de 26 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/95076-torcedores-tem-ligacao-com-as-organizadas.shtml>>.
- Histórico de violência. [editorial]. (2013, 08 de março). *Jornal Zero Hora*, p. 57.
- Hollanda, B. B. B. de. (2009). *O clube como vontade e representação. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- Lupton, D., Tulloch, John. (2002). 'Life would be pretty dull without risk': voluntary risk-taking and its pleasures. *Health, Risk & Society*, v. 4, n. 2.
- McTeigue, James. (Realizador). (2005). *V for vendetta* [Filme]. Estados Unidos da América: Warner Bros 17.
- Mello, M. A. (2014, 12 de fevereiro). *Páginas amarelas. Revista Veja*, pp. 13.
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol*. Dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – FGV.
- Murad, M. (2012). *Para entender a violência no futebol*. Rio de Janeiro: Saraiva.
- Não acredito que [editorial]. (2013, 8 de dezembro). *Folha de São Paulo*, p. D1. Retirado de 24 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/95070-fabio-santos-afirma-ser-a-favor-de-expulsao-se-violencia-acabar.shtml>>.
- O próprio ministério [editorial]. (2014, 20 de janeiro). *Folha de São Paulo*, p. 1 - capa. Retirado 28 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/01/1400477-justica-libera-17-torcedores-presos-por-briga-no-atletico-pr-x-vasco.shtml>>.
- Pinho, A. (2011, 01 de março). *Brasil fica no 88º lugar em ranking de Educação da UNESCO*. *Folha de São Paulo*, p. 1 - capa. Retirado 26 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/882676-brasil-fica-no-88-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco.shtml>>.
- Reichenheim, M. E., Souza, E. R. De., Moraes, C. L., Jorge, M. H. P. M., Silva, C. M. F. P. da., & Minayo, M. C. De S. (2011). *Violência e lesões no Brasil; efeitos, avanços e desafios futuros*. THE LANCET. London.



- Santos, R. F. dos. (1990). *Educação, desporto e violência no futebol*. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
- Se for necessário [editorial]. (2013, 8 de dezembro). *Folha de São Paulo*, p. D1. Retirado de 22 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/95070-fabio-santos-afirma-ser-a-favor-de-expulsao-se-violencia-acabar.shtml>>.
- Silva, C. A. F. da., Votre, S. J. (2006) *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicação.
- Torcedores do palmeiras [editorial]. (2013, 13 de dezembro). *Redação Sportv*, p. 1 - capa. Retirado 25 de fevereiro, 2014 a partir de <http://sportv.globo.com/site/programas/redacao_sportv/noticia/2013/12/torcedores-do-palmeiras-prometem-vingar-o-vasco-contra-o-atletico-pr.html>.
- Violência nos estádios [editorial]. (2009, 19 de setembro). *Veja São Paulo*, p. 1 - capa. Retirado 23 de fevereiro, 2014 a partir de <<http://veja.abril.com.br/materia/violecia-nos-estadios>>.

Notas

- 2 Ponencia presentada en el IV Congreso ALESDE. "Impacto y desarrollo del deporte en los países Latinoamericanos". Bogotá, Colombia. 22 al 24 de octubre de 2014.